



[Recensão a] Yo y Tiempo: La Antropología filosófica de G.W.F. Hegel

Autor(es): Carvalho, Cláudio Alexandre S.

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/29617>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_39_12

Accessed : 24-May-2024 09:00:58

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 20 - número 39 - março 2011

vol. 20 - número 39 - março 2011

Fundação Eng. António de Almeida



explícita plêiade de autoridades que o autor cita mereceria a pena indagar o quanto nas suas respostas perpassa da episteme aristotélica, o que só pode ser feito depois de uma leitura minuciosa do original. Tendo passado despercebido ao Prefaciador e ao Tradutor, sublinhemos apenas um aspecto curioso, aquele em que se discute pelo menos por duas vezes (pp. 68, 171) a temática da possível eternidade do mundo, assunto de que nos ocupámos na nossa dissertação doutoral há já alguns anos (*A Novidade do Mundo: Henrique de Gand e a Metafísica da Temporalidade no Século XIII* Lisboa 2001). Enfim, para não se surpreender com a extraordinária ingenuidade, aos olhos de hoje, de alguns “problemas” aqui investigados – v.g. (p. 81) “por que motivo é que os que praticam sexo põem a língua de fora?” –, o leitor deverá sobretudo perscrutar o que não é “matéria médica” nesta obra, abrindo-se assim a um autor e a uma tradição portuguesa do pensamento do século XVI que emparceira em sincretismo com a sua congénere europeia, apreciando reconhecer que complexificando as tradições aristotélicas se avantajaram também verdadeiras alternativas (ou paradigmas, como agora se diz) escolares.

Mário Santiago de Carvalho

Yo y Tiempo: La Antropología filosófica de G.W.F. Hegel, ed. por Ignacio Falgueras, Juan A. García e Juan J. Pardial, 2 vols., Suplemento 15 a *Contrastes, Revista Internacional de Filosofía*, Málaga. 2010, 854 pp.

Acabam de ser publicados dois volumes nos quais se coligem as contribuições para o congresso internacional subordinado ao tema: Antropologia Filosófica de Hegel. A organização do evento esteve a cargo do Grupo de investigação sobre o Idealismo alemão da Universidade de Málaga, e teve lugar entre os dias 21 e 24 de Setembro de 2009. Triplicemente editadas (Ignacio Falgueras, Juan A. García e Juan J. Pardial), como 15º suplemento da *Contrastes, Revista Internacional de Filosofía* com sede naquela universidade andaluz, estas actas agregam um extenso e heterogéneo conjunto de artigos participantes do labor de iluminar as perspectivas contemporâneas da Antropologia Filosófica a partir da obra hegeliana. O objectivo partilhado pelos diversos intervenientes é o de estender o estrito âmbito que Hegel conferira à Antropologia na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, limitando-a ao estudo do corpo orgânico e existência natural da espécie humana. Em tal empreendimento deve tornar-se explícita a real dimensão da dívida que Max Scheller e Ernst Cassirer, na sua qualidade de mentores da Antropologia Filosófica como disciplina autónoma, contraíram relativamente a Hegel.

Quantitativamente estamos perante um trabalho consideravelmente volumoso. São cerca de oito centenas e meia de páginas contendo 62 artigos agrupados equitativamente em dois volumes divididos em 6 secções temáticas. Pontuando as

contribuições de especialistas hispânicos de percurso universitário sólido e jovens investigadores interessados de forma directa na obra de Hegel, revestem-se de especial importância os trabalhos de alguns autores de notoriedade internacional. Isso mesmo ocorre na inclusão de uma tradução do prólogo que o recentemente falecido Reinhard Lauth redigiu para a sua obra *Hegel vor der Wissenschaftslehre*. Inserido no primeiro volume consagrado à “Substancialidade e subjectividade humanas”, este pequeno texto de um fichteano profundamente crítico de Hegel, que lê como asfixiando o projecto transcendental, é indicativo da abertura a perspectivas dissonantes que caracteriza os diálogos que se entrecruzam nesta publicação. Marca assim a toada de um pluralismo crítico que não se limita a transpor ideias relativas às dimensões da subjectividade e temporalidade humana, mas as confronta, seja com a diversidade de tradições interpretativas seja com o frenético pulsar do mundo contemporâneo. Nesse volume inicial encontramos comunicações que superam as leituras contumazes na propagação dos tropos do Hegel totalizante, o filósofo que pretensamente estripou o sujeito da sua condição corpórea e aniquilou a riqueza da substância por recurso a um processo racionalizante. Neste particular destacamos a contribuições de Daniel Brauer e Gillaume Lejeune, nas quais está patente como a formação do sujeito requer um momento de alienação culturalmente enformado e sempre passível de patologias. Muitas das intervenções estão balizadas numa dialéctica entre a dimensão involuntária e a autoreflexão que caracteriza o espírito. Enfatiza-se que a inserção natural do sujeito é sempre contrabalançada pela sua dimensão excêntrica -para aplicar uma recorrente categoria forjada por Plessner- mobilizada na linguagem e no símbolo. Como resulta da comunicação da professora María del Carmen Paredes-Marín, a condição temporal e simbólica do humano que Hegel explorou, interdita a redução dos aspectos psíquicos a um psicologismo, ou mesmo a uma gnoseologia porquanto a mesma enverede por uma análise da cognição cindida das componentes inter e pré-subjectivas. A obra de Hegel pode ser instrutiva para a antropologia justamente em virtude da sua recusa de análises parciais que retornam a alguns dos dualismos não mediados da tradição filosófica. Apesar de se prestar a diversas críticas Robert Williams prossegue numa reflexão onde manifesta o papel amor e do reconhecimento, parte de um horizonte pré-reflexivo, recusando definições de racionalidade que não abarquem as estruturas de reconhecimento. Tema adjacente, abordado por diversos dos congressistas a partir de prismas distintos, respeita à relação entre as dimensões apetitiva e volitiva que servem de guia às incursões de Hegel nos diversos domínios onde o sujeito humano é tornado questão. Como o exemplifica magistralmente Christian Blum no seu artigo inserido no segundo volume (“Dilemmas Between the General and Particular Will. A Hegelian Analysis”), em todas essas contribuições é sublinhado o papel da disciplina na autodeterminação do sujeito. Presente está também a reavaliação de Hegel encetada por Žižek à luz da psicanálise lacaniana, López-Espinosa lê a transição complexa e aberta a múltiplos equívocos da dimensão

pré-subjectiva à consciência de si. Essa transição foi alvo de interpretações diversas que partiam da *Fenomenologia do Espírito*, é essa peregrinação para a ciência, para a dimensão especulativa mesma, que Óscar del Cubo revê explorando a relação, que defende ser estruturalmente assintótica, entre saber e verdade.

Do segundo volume (“A temporalidade humana”) fazem parte contribuições onde é trabalhada sobretudo a dimensão da alteridade – nos vínculos intersubjectivo, divino e estético – na existência humana. Nos seus ensaios, Christopher J. Bauer, Thomas A. Lewis entre outros, tematizam essa relação entre a temporalidade individual e as formas do espírito como dialéctica da formação do sujeito livre. No artigo do Dr. Bauer, que se optou por traduzir a partir do original alemão, estamos mesmo perante a necessidade de valorizar em Hegel a dinamização de uma antropologia até então eminentemente fixista que partia de uma realidade humana uniforme, e que doravante deverá atender à dialéctica da história. As problemáticas da formação da vontade, da condição existencial da consciência religiosa, e da percepção sensível do esteta, são exploradas em diferentes incursões que tendem a acentuar a dimensão autoreflexiva do projecto hegeliano. Surpreendente é a quantidade de comunicações ocupadas da relação pessoal e teórica de Hegel com o significado antropológico da arte musical, em especial das produções musicais do seu tempo.

Certos textos, sobretudo aqueles providos de uma dimensão sociopolítica, manifestam a necessidade de adaptar as categorias empregues por Hegel aos desafios actuais, é o caso da interessante comunicação do filósofo polaco Andrzej Przylebski (“Hegels Kritik der bürgerlichen Gesellschaft als Beitrag zur Anthropologie des Politischen”). Mas anterior ainda a essa urgência, alguns autores avaliam a evolução do pensamento político de Hegel desde a pronunciada nostalgia da harmonia grega, até ao desenvolvimento de um conceito de sociedade civil maduro capaz de servir de articulador do mundo ético. Neste ponto devemos apontar algum défice concernente ao tratamento de temas políticos; os pontos de acesso privilegiados à finitude humana são aqui os modos do espírito absoluto: a religião (1º e 2º volumes) e a arte (2º volume). Além de uma ausência de abordagens às candentes questões da sexuação, do erotismo e do género -temas que para além de centrais ao erigir de uma antropologia filosófica, foram em diferentes momentos tidos por basilares pelo próprio Hegel-, seria pertinente uma maior articulação entre a formação moral e as estruturas do espírito objectivo. Julio de Zan, com uma comunicação inserida no 1º volume, é uma das excepções a este respeito, compreendendo a inserção do sujeito na organização social como processo de progressiva “alienação” para a autonomia. Mas sendo a colectânea de um congresso e como tal sua expressão, é necessário ter presente a dificuldade de, em face da independência das perspectivas dos autores participantes, aliar a qualidade científica com o equilíbrio temático. De todo o modo, este juízo quanto ao equilíbrio é contestável porque sem critério último ou inequívoco. No caso da obra em análise conjugam-se repetidamente o labor das fontes primárias, da

tradição interpretativa bem como a interpelação à reflexão sobre os antagonismos do nosso tempo. A publicação é bem sucedida explorando uma grande diversidade de temáticas pertinentes da Antropologia Filosófica contemporânea, logrando ir além do saber meramente edificante criticado por Hegel.

Cláudio Alexandre S. Carvalho

JOSÉ ORTEGA Y GASSET, JOSÉ GAOS, JOAQUÍN XIRAU, LEOPOLDO-EULOGIO PALÁCIOS, AGUSTÍN SERRANO DE HARO, *Cuerpo Vivido*, Encuentro, Madrid, 2010.

O leitor competente de filosofia que cultive o gosto pelo espírito fino mas vigoroso, encontrará na publicação em apreço um extraordinário colóquio filosófico que, atravessando o séc. XX e virando o milénio, vem surpreender-nos com a sua inequívoca actualidade e inegável interesse. Reunidos em torno do tema do corpo e da corporeidade, encontraremos neste livro cinco vozes espanholas ilustres, cujos textos foram em boa hora reunidos por Agustín Serrano de Haro do Instituto de Filosofia do CSIC e conhecido presidente da Sociedade Espanhola de Fenomenologia.

O primeiro desses textos é de Ortega Y Gasset e tem por título “Vitalidad, alma e espírito” (pp. 15-52). Tendo a sua origem numa conferência de 1925, o admirável ensaio chama renovadamente a pensar a partir da evidência de que são diversos e heterodoxos os modos de aparecer do corpo: podemos considerá-lo a partir de fora, mas também a partir de “dentro” (cf. p. 21), havendo então lugar a considerá-lo a partir de um ponto de vista que permita mostrar em que medida o sei “meu”. Nesta via de análise, que será a da tematização do “intracorpo” (pp.20 e ss.), traça Ortega uma verdadeira descrição fenomenológica do corpo vivido ou corpo próprio, que o conduz a meditar todo um conjunto de experiências, tão familiares que porventura se ignoram, onde se surpreendem traços específicos da nossa corporeidade complexa. É neste sentido que o pensador madrileno nos conduz ao longo de uma análise rica de detalhes, e cujos pontos centrais se podem elencar seguindo as derradeiras divisões do próprio texto: consideração do “espírito e da alma”, ou “fundo de vitalidade” que nutre “todo o resto da nossa pessoa” (pp.27 e ss.), ponderação da estrutura tripartida da nossa intimidade em três zonas – vitalidade, alma e espírito – que nos conduzem à trilogia conceptual de “ciência, orgia e alma” (pp. 33 e ss.), estudo da “alma como excentricidade” (pp.37 e ss), esboço uma “geometria sentimental” (pp. 40 e ss.) e, finalmente, ensaio de uma nova “caracteriologia” (pp. 43 e ss).

Segue-se um texto de José Gaos sobre “a carícia” (53-85), trabalho inicialmente incluído na obra *Dos exclusivas del hombre: la mano y el tiempo*, publicada em 1945 no desterro mexicano do discípulo de Ortega. No texto de apresentação Agustín Serrano de Haro reputa a análise do acto de acariciar e do